



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

### Tradução:

PERSI, P. Geografia ed emozioni. Genti e luoghi tra sensi, sentimenti ed emozioni. In PERSI P. (org.). **Territori Emotivi. Geografie Emozionale**. Fano (Itália): Università di Urbino Carlo Bo, p.3-10, 2010.

### **GEOGRAFIA E EMOÇÕES. PESSOAS E LUGARES: SENTIDOS, SENTIMENTOS E EMOÇÕES**

### **GEOGRAPHY AND EMOTIONS. PEOPLE AND PLACES: SENSES, FEELINGS AND EMOTIONS**

(Recebido em 17.02.2014; Aceito em: 27.03.2014)

**Beatriz Helena Furlanetto**  
*Doutoranda em Geografia (bolsista CAPES)*  
*Universidade Federal do Paraná*  
*Curitiba, PR, Brasil*  
*e-mail: beatrizhelenafurlanetto@gmail.com*

### **RESUMO**

As emoções e os sentimentos acompanham os homens ao longo da sua existência, e referem-se aos indivíduos (sentimentos individuais) e aos grupos (sentimentos sociais). Estes, em particular, possuem um papel geográfico: ligam os homens aos seus espaços de vida e influenciam as relações geopolíticas e os projetos de planejamento compartilhado. Ao longo do século XX, a geografia italiana ignorou tais componentes essenciais do mundo moderno, o qual foi abalado pelas paixões conflitantes dos fundamentalismos, dos nacionalismos, das identidades desprezadas que repentinamente ressurgiram. Os lugares estão impregnados de humanidade e de paixões, e sob essa luz devem ser compreendidos, analisados e planejados. Nessa perspectiva nascem as geografias emocionais, cujos objetos de estudo são os territórios emocionais e as paisagens das sensações e dos sentimentos: novas abordagens geográficas que se integram àquelas tradicionais.

Palavras-chave: Emoções; Sentimentos; Planejamento compartilhado; Geopolítica; Geografia emocional.

## ABSTRACT

Emotions and feelings accompany humans throughout their existence, and they concern individuals (individual feelings) as well as groups (social feelings). The latter in particular have a geographic role: they link humans to their living spaces, and they affect geopolitical relations and shared planning strategies. In the 20th century, Italian geography long ignored such basic components of the modern world, which is shaken by contrasting passions: fundamentalisms, nationalisms, identities that were trampled on and suddenly rose back. Places are imbued with humanity and passions, and they must be comprehended, examined and planned under this light. Hence, the emergence of emotional geographies, whose objects of study are emotional regions, and the landscapes of sensations and feelings: new geographic approaches that supplement and complete more traditional ones.

Keywords: Emotions; Feelings; Shared planning; Geopolitics; Emotional geography.

### 1. Emoções e sentimentos

Sentimentos e emoções formam uma parte importante e integram a vida humana. Tocam a parte menos racional, ou melhor, irracional por excelência, e por isto ignorada pela cultura racionalista do passado. Entretanto, eles têm exercido uma influência profunda sobre o mundo, a arte, a poesia, a literatura, a pintura, a música e sobre a expressão mais sublime da genialidade humana, dado que “o desenvolvimento da inteligência é inseparável da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão que são as fontes da pesquisa filosófica e científica” (Morin, 2001, p.18). Eles também têm atuado sobre os impulsos, as escolhas e os comportamentos dos homens, condicionando os indivíduos e suas organizações, impregnando suas visões e concepções de mundo, agindo sobre suas estruturas e sistemas.

Isso justifica o valor dos sentimentos e das emoções e o necessário estudo aprofundado para entender os processos que governam a modelagem terrestre, e compreender o significado completo dos signos dados e atribuídos aos espaços vividos: as múltiplas habitações e suas organizações sociais; as atividades produtivas, construtivas e destrutivas; os espaços sagrados; as nomeações e renomeações dos lugares; as concepções e construções de conjuntos extraordinários como as “Belas Cidades”.

Quando as relações de vida se unem aos padrões estéticos, pode-se realizar uma obra coletiva com distintas formas harmônicas (ou pseudo-harmônicas) entre

as pessoas, coisas, elementos naturais. Assim, a cosmografia filosófica e a *weltanshaung*<sup>1</sup> se entrelaçam, colocando no centro, às vezes, a divindade, o homem, o ambiente, os valores da civilização, a arte, a economia, o bem estar. Os sentimentos íntimos nascem, talvez, da vulnerabilidade e fragilidade do homem, mas quando o sentir é comunicado e compartilhado, o isolamento individual se rompe e o homem se une ao universo, utilizando e organizando os espaços humanos e os contextos ambientais. Este é o papel profundamente social das emoções e dos sentimentos (Rimé, 2008).

Emoções e sentimentos são difíceis de se definir, visto que “nenhuma definição intelectual será capaz de reproduzir, ainda que seja aproximadamente, o que é específico do sentimento” (Jung, [1920] 1969-1993, p.482). Eles encontram o máximo reconhecimento no Romantismo, mas já no século XIV, Francesco Petrarca, na obra *De remediis utriusque fortunae*, tece os diálogos entre Razão, de um lado, e Alegria, Esperança e Dor (*Gaudium, Spes e Dolor*), do outro, ressaltando o difícil, mas imprescindível, confronto entre a parte racional e a passional do homem. No século XVII, Blaise Pascal, matemático, físico, filósofo e poeta (para o qual *l’homme est un jonc qui tremble*), percebe as dissensões entre razão e sentimento, faculdade intelectual e capacidade intuitiva, mente e coração. E, no século seguinte, Immanuel Kant, geógrafo-filósofo racionalista, ao definir os fundamentos da qualidade humana, coloca o sentimento ao lado da razão e da vontade, no mesmo plano e com igual dignidade. Mas deve-se a Charles Darwin, estudioso que revolucionou a ciência na segunda metade do século XIX, a valorização das emoções quando destaca o papel do medo ou do desejo no desafio das dificuldades ambientais e na luta pela sobrevivência, na qual se dá a evolução da espécie e até mesmo o progresso histórico, técnico e civil.

Hoje se reconhece que “o sentir” induz as pessoas a determinados itinerários de vida, às relações entre elas, aos vínculos com os lugares e, por estar ligado ao prazer e à dor, torna-se uma forma de juízo relativamente autônoma da razão. O conhecimento e o rigor das deduções intelectuais são sempre cercados pelo irracional, e a razão, que é substancialmente ligada à consciência, está imersa no inconsciente coletivo. Daqui surge o conflito, e até mesmo o mal-estar que se manifesta em uma inesperada quebra da continuidade do desenvolvimento dos

---

<sup>1</sup> *Weltanshaung*: representação do mundo ( N.T.).

indivíduos e dos grupos, estudados em particular pela psicanálise e pela sociologia, ciências empenhadas em pesquisar as chaves de acesso ao mundo interior dos indivíduos e da coletividade.

As emoções se distinguem dos sentimentos por sua mais forte intensidade e menor duração no tempo (Slepoj, 2007, p.17). Os sentimentos se ligam aos estados de ânimo e às atitudes espirituais mais prolongadas no tempo, transformam-se com maior lentidão, são filtrados pelo controle intelectual e pelo sistema de valores cognitivos moldados pela história cultural. Portanto, os sentimentos constituem o *background* das momentâneas e contínuas emoções, como uma rede de sensibilidade e percepção que muda de indivíduo para indivíduo, de comunidade para comunidade. Assim, a identidade se sustenta em um perene braço de ferro entre memória e esquecimento, conservação e inovação, entre contaminações contínuas de culturas que se entrelaçam e se sobrepõe, se encontram e se chocam, se fundem e se devoram. A partir desses processos culturais verificam-se as diferenciações das áreas regionais, em um complexo jogo entre história e território, aberturas e recusas, altruísmo e possessividade, confiança e desprezo, tolerância e intransigência, boas lembranças e sentimentos de culpa, enfim, entre rebeliões e restaurações fortemente impregnadas de paixões e tormentos humanos (Persi, 2009a).

## 2. A irracionalidade na geografia pós-moderna: do global ao local

Profunda é a ligação entre o homem e os lugares, com seus patrimônios culturais e as emoções que eles provocam nos habitantes e nos outros, nos *insiders* e nos *outsiders*. Os próprios geógrafos do passado recente, ao menos os mais iluminados, estavam conscientes disso, e talvez desta secreta intuição nascia neles o esforço para pensar o mundo como produto das forças do intelecto, do qual devia, portanto, ser excluída a irracionalidade do sentimento.

Penso nas belas páginas de Aldo Sestini (1963) sobre a paisagem dos Apeninos, onde a leitura lúcida não consegue esconder as vibrações da alma. Com isso, ele não faz concessões aos componentes irracionais, nem segue a posição crítica de Renato Biasutti, para quem “nunca foi útil à definição de uma orientação científica o uso de uma linguagem subjetiva e imaginária” (Biasutti, 1962, p.8). Muita

perplexidade suscita no autor de *Il paesaggio terrestre* o “fazer objeto da geografia ‘a alma’ dos países (Banse), o ‘ritmo’ da paisagem (Volz), o ‘retrato harmônico’ das regiões (Gradmann)”, a menos que “esta última expressão” queira “significar, em essência, a concatenação de todos os objetos associados a um determinado espaço” (Biasutti, 1962, p.8).

Mas naqueles anos o racionalismo exasperado dominava o saber científico (Dematteis, 2008, p.5-6), tanto mais científico quanto mais distante das paixões e da *vis* política, cego e ignaro de que “cada um contém em si galáxias de sonhos e fantasmas, impulsos insatisfeitos de desejos e de amores, abismos de infelicidade, imensidões de glacial indiferença, conflagrações de astros em chamas, erupções de ódio, perdas estúpidas, lampejos de lucidez, tempestades dementes...” (Morin, p.59).

No entanto, a ligação entre sentimento e saber geográfico já se evidencia na obra de A. Humboldt, o ilustre estudioso que teve tanta incidência sobre os geógrafos e não geógrafos posteriores. Ele, grande viajante (de 1799 a 1804, com pouco mais de trinta anos, efetua uma longa viagem ao Novo Mundo e, aos sessenta anos, à Rússia e Sibéria), escreve sua obra mais famosa, *Cosmos*, com o intuito de “difundir o *amor* pelo estudo da natureza”. E acrescenta: “sem dúvida, a sublime grandeza da natureza seria melhor conhecida e mais profundamente *sentida*” também graças a intervenções pictóricas capazes de “estimular os homens a considerar a natureza como um todo e a *sentir* em toda a sua unidade o *harmonioso concerto* do cosmo (Humboldt, 1975, p.296. Grifos do autor).

A sua paixão pela botânica leva-o muitas vezes a falar da flora e das espécies vegetais nas suas associações geográficas, e a sublinhar “a influência vivificante da pintura da paisagem no estudo da natureza” que, entre outros, “favorece a *paixão* pelas viagens distantes e estimula de modo instrutivo e *prazeroso* a relação com a natureza livre”; além disso, “ambos podem conectar o sensível ao *insensível*”. Com entusiasmo lírico, Humboldt identifica na “zona temperada do hemisfério norte, sob o céu grego e italiano, o auge da capacidade de exprimir a *paixão* e a *beleza* das formas humanas” (Humboldt, 1975, p.292). Dali

[...] até o mundo tropical. O tapete que Flora estendeu sobre a terra nua, tecido de maneira inigualável; mais denso onde o sol reina no céu profundamente puro, velado apenas pelos luminosos vapores; mais ralo nos céus sombrios do Norte, onde a geada mata os brotos e arrebatava as frutas quase maduras. Enquanto nas regiões frias a casca das árvores é recoberta

de musgos e líquens, na área de palmeiras e samambaias, as orquídeas e as baunilhas perfumadas prosperam sobre os troncos das castanhas de caju e dos gigantescos figos. As hortaliças frescas de *Dracontium* e as folhas profundamente entalhadas dos *Pathos* criam um maravilhoso contraste com as cores das orquídeas; as *Bauhinie* trepadeiras, as *Passiflore* e os *Banisterie* recobertos de flores douradas se elevam sobre os troncos das árvores em direção ao céu; ternas flores desabrocham das raízes do *Theobroma* e da casca grossa e áspera da *Crescentia* e da *Gustavia* (HUMBOLDT, 1975, p. 294).

No profundo envolvimento emocional diante dos espetáculos da natureza e dos homens, o autor questiona “quem (para limitar-se às formas de vegetações mais familiares) não se sentiria diferente sob a densa sombra das faias, sobre as colinas coroadas de pinheiros esparsos, nas vastas planícies onde o vento murmura entre as folhas tremulantes das bétulas?” (Humboldt, 1975, p.295).

Assim, as emoções acompanham os homens ao longo de toda a sua existência, e aquelas essenciais independem da idade, pois se enriquecem de experiências diversas em um processo de complexidade que acompanha o devir histórico dos indivíduos e dos órgãos sociais, ambos sujeitos à velocidade das transformações e das orientações político-culturais. Mas são os sentimentos que formam as redes de base do ser humano, nas quais as emoções se colocam e se entrelaçam. Por isso, devemos observá-los com atenção para entender os mecanismos das relações e os comportamentos sociais, diversificados nos lugares e no tempo, segundo uma transversalidade espaciotemporal que representa uma particularidade do geógrafo e do seu modo de estudar, compreender, projetar e gerenciar os espaços de vida.

Embora seja uma breve e preliminar revisão, podemos distinguir sentimentos positivos (como a amizade, o entusiasmo, a paixão, a alegria, a felicidade, a empatia, o amor composto de vários sentimentos e emoções contrastantes) que se opõem aos negativos (a agressividade, a angústia, o medo, a tristeza, a infelicidade, a inveja, a possessividade, o ódio...).

Trata-se de sentimentos individuais, que são distintos daqueles coletivos como a sociabilidade, a ideologia, a cultura, a civilidade, a identidade, o integralismo e o fundamentalismo, mas que convergem para eles. Se os primeiros ligam homens e espaços terrestres em uma relação pessoal que pode se tornar também uma relação em grupo, são os segundos que parecem mais “geográficos”, vale dizer, plenos das multiplicidades espaciotemporais que favorecem intrincadas interações entre

peças e lugares, remetem aos elementos comuns de identificações culturais, explicam e evidenciam as convergências ideológicas, a mobilidade dos povos e das culturas, a consagração dos modelos comportamentais e produtivos.

Por isso os sentimentos estreitam trocas, não apenas individuais, influenciam as relações entre as pessoas, os encontros e desencontros, a competição de esferas culturais com lógicas de conquista e opressão. Confirma a história, antiga e recente, em terras vizinhas e distantes, a história que viu as grandes uniões políticas se dissolver em estados autônomos (pensa-se na União Soviética ou na Iugoslávia), as alianças desfeitas para talvez se reconstituírem, as áreas de fronteira alteradas ou ameaçadas de mudar o *status* jurídico. E é nesta mesma faixa de contato que os ânimos são mais exacerbados, que os atritos são mais acentuados e de uma parte a outra se alimenta o extremismo, à procura das diferenças, das distinções e da diversidade. Se, em seguida, adicionam-se orientações religiosas diferentes e disputa pelos lugares considerados sagrados, o desacordo pode se tornar irremediável e resultar em confrontos militares.

É necessário voltar o olhar sobre o mundo de hoje para encontrar a confirmação sobre o papel dos sentimentos, sobre os “territórios emocionais”, territórios da alma que são almejados, consagrados, carregados de valores espirituais, por isso, percebidos e vividos com um fortíssimo componente sentimental. Destaca-se o caso de Jerusalém, os territórios disputados, abordados no Congresso de Pollenza<sup>2</sup> (Persi, 2009b), as reivindicações das rochas e ilhotas solitárias sobre as quais se apoiam as pretensões de soberania e o direito de exploração do fundo do mar, mas que sempre se tornam sede e ocasiões de confronto, objetos de emoções e expectativas populares, habilmente guiados por campanhas de sensibilização política entre os jovens (como Trento e Trieste para os italianos do início do século XX, e as Ilhas Curilas meridionais para os japoneses de hoje, somente para indicar alguns casos, um remoto e outro contemporâneo).

Portanto, todos os sentimentos, positivos e negativos, podem ser exercidos sobre um território, de modo que a convergência de mais pessoas para um mesmo interesse acaba por favorecer a consolidação espiritual e a união entre as mesmas. As motivações de alguns podem se tornar sociais e estabelecer empatias ou

---

<sup>2</sup> O autor se refere ao IV Congresso Internacional sobre Bens Culturais realizado em Pollenza (Itália) no ano de 2008, do qual resulta a publicação de vários artigos em 2009 (N.T.).



antipatias no grupo, motivo de adesões políticas ou de confrontos e reivindicações entre etnias e povos. Entre estes também podem nascer sentimentos de amizade e solidariedade, ou de inimizade e adversidade, assim como acontece na história pessoal ou familiar.

Recorda-se o papel das minorias e as situações de conflitos decorrentes da vontade ou do pretexto de proteger culturas minoritárias. O início das duas guerras mundiais teria muito a ensinar em matéria de sentimentos nacionais, nacionalismos, minorias, arranjos geopolíticos móveis e competitivos, destruições e hecatombes de vidas humanas.

Afirma-se, portanto, que a separação entre sentimentos individuais e coletivos não é rigorosa e que os sentimentos pessoais acabam contagiando os outros e se unem àqueles sociais, entre os quais são considerados, como já foi dito, os da cultura e da ideologia. Tais sentimentos podem se enquadrar na necessidade de progresso e, antes de tudo, de civilização. A civilização se reconhece de imediato por sua ligação com a cidade, sua organização social e desenvolvimento urbano. A cidade como sede privilegiada de crescimento e confronto cultural, de movimentos e propagações políticas e, sobretudo, da participação na gestão da *res publica*. Civilização, política e governo são apreendidos na nossa geografia local, da qual ainda resta como ótimo modelo a obra de M. Ortolani (1984), uma das grandes tendências da geografia tradicional, obviamente junto à geopolítica. Por outro lado, os locais, habitados ou de produção e de troca, irradiam sobre o território circundante produtos e mensagens, bens e informações, economia e tecnologia, modelos de vida, ideologia e formas de religiosidade.

A separação da cidade e do campo, aquela como uma contribuição da modernidade e este como guardião das tradições, parece cada vez mais superada. Embora o campo se mostre menos organizado e dinâmico sob o plano nitidamente político e típico da *polis*, solidariedade, cultura e civilidade parecem características indiscutíveis do mundo rural, cujas modalidades de trabalho e de relações revelam enraizamentos profundos e uma espiritualidade articulada à paleografia regional, com a qual se relaciona sistematicamente.

Civilização é progresso moral, social e intelectual; é um conjunto de valores humanos consolidados pelos costumes, arte e religião, através de uma rede de conceitos e símbolos situados na base do sentir comunitário. Tais sentimentos se



diferenciam na cidade e no campo somente pelos modos e movimentos de classe, mas ativam uma trama de interações que permeia todo o território, abrange o social nas relações com o ambiente, plasma as organizações urbanas e aquelas extraurbanas. Colocam, enfim, as bases que regulam os sistemas de representação: dos mitos aos ritos, das concepções do universo aos papéis individuais e coletivos, por isso as ideologias que se difundem e se desenvolvem, ao menos em uma longa fase inicial, sobre premissas fortemente passionais.

Assim surgiram as grandes revoluções, se ampliaram e se consolidaram as revisões políticas, avançou o progresso civil e foram criados os códigos de valores que moldaram os territórios e as paisagens. Na base destes, de fato, estão as convicções, as representações da realidade, as regras de comportamento, enfim, o senso de pertencimento cujo patrimônio cultural e material perpetua-se de geração em geração, para que a comunidade possa sobreviver à vida do indivíduo. E tudo através de uma obra educativa que se amarra à psicologia individual e àquela coletiva, que se apoia e se enraíza por meio das emoções, a começar por aquelas das crianças, no longo percurso da infância à adolescência, até a juventude e a maturidade política. Os homens, não obstante um maior senso crítico e capacidade cognitiva, não conseguem ou não podem evadir-se dos sentimentos, os quais continuam a caracterizar as suas ações, projetos e sonhos. Sonhos e projetos que envolvem cada vez mais pessoas, da família ao grupo, tornando-se produtos sociais para uma comunidade maior, apoiados e realizados com intervenções de planejamentos, antigamente impostos por autoridades superiores e hoje cada vez mais de comum acordo e compartilhados, por meio de uma obra de sensibilização ideológica e, ao mesmo tempo, profundamente emotiva e participativa. Portanto, da visão global à intervenção local.

### **3. Entre sentimento e razão: fundamentalismo e aberturas culturais**

Os sentimentos coletivos, o conservadorismo de um lado e o progressismo do outro, formam as atitudes mentais e pragmáticas que atuaram, e atuam, largamente sobre a comunidade humana, alicerçando-se sobre fortes e múltiplos componentes sentimentais.

No plano religioso, o primeiro assume as formas do tradicionalismo e o outro do laicismo, e se compreende quanto estas opostas orientações sobre a metafísica podem se enraizar à educação recebida desde a mais tenra infância, aos sentimentos que lhe acompanham, aos fatos emotivos que sustentam o crescimento dos indivíduos e a evolução dos povos. No plano político, as duas atitudes conduzem, respectivamente, ao autoritarismo e ao reformismo, aos regimes absolutistas e totalitários ou às formas democráticas de autorização e representação eletivas. No plano filosófico-religioso, enfim, o fundamentalismo e o integralismo acompanham o conservadorismo, enquanto o relativismo e o modernismo seguem o progressismo. Sobre tais posições antitéticas confrontam-se culturas, religiões e regimes políticos, inflamando os ânimos contrapostos, induzindo ações passionais que, às vezes, resultam em confrontos físicos com reações cruentas de ambas as partes, dificultando as relações entre povos contíguos e impedindo as intervenções de pacificação por parte da comunidade internacional.

As crônicas cotidianas, dentro e fora do nosso país, apresentam confirmações contínuas da dificuldade de convivência respeitosa entre culturas e etnias diversas, entre formas de credo que, às vezes, se colidem duramente, sobretudo quando se deseja demarcar a organização estatal e o sistema jurídico-legislativo sobre textos sacros, fazendo coincidir o poder religioso com o poder territorial, como está acontecendo no Irã. A cultura de comparação aberta, de aceitação dos valores universais ou de simples reconhecimento da alteridade se desenvolve com lentidão, porque as forças da irracionalidade frequentemente prevalecem, condicionando ou impedindo o diálogo sobre fatos práticos até mesmo de interesse comum, como a construção de um hospital, de uma estrada ou uma ponte. O acolhimento de modelos diversos e a respeitosa integração, ao invés da intolerância e da discriminação, são alguns aspectos do diálogo intercultural que se desenvolvem tardiamente por causa de visões e estados de ânimo profundamente perturbados e intransigentes. Assim em Israel, no Afeganistão e no Irã, como também em Ruanda, Nigéria e Zaire, bem como na Irlanda do Norte, somente para recordar alguns casos do complexo e agitado cenário mundial formado de etnias, povos, culturas, linguagens, costumes, religiões e comportamentos muito diferentes, frequentemente exasperados com a globalização e as tendências à uniformização, as quais

ameaçam a diversidade cultural que, tanto quanto a biológica, constituem uma imprescindível riqueza da humanidade.

Assim também na Itália e na velha Europa, onde a imigração produziu medos e ressentimentos, agressividade e reivindicações, com reflexos locais e nacionais sobre os partidos políticos, sobre as tendências da legislação autoritária, sobre o extremismo xenófobo, sobre a sensação de insegurança às vezes exasperada pelos meios de informação. Estes solicitam e manipulam os estados de ânimo anteriores às opiniões, fazem vibrar a emotividade e suscitam as reações nacionalistas que, com frequência, não têm nada a ver com as identidades e tradições locais. E, agindo sobre o estado de ânimo coletivo, agem sobre os lugares.

O processo intercultural ativa-se sobre bases cognitivas, mas não se pode subestimar a contribuição dos sentimentos, empatias e desconfianças motivados também pelas reações “na pele” dos indivíduos e dos grupos. O mesmo *revival* do fundamentalismo, em torno do qual se consolidam as comunidades étnicas, nasce de uma necessidade de segurança e proteção que mais uma vez propõe o problema do pertencimento sobre bases fortemente sentimentais, e se reflete até mesmo sobre a distribuição das minorias em âmbito urbano, destino dos recentes imigrantes e sede dos novos e anacrônicos guetos.

#### **4. Em direção aos novos lugares da geografia**

A vida é feita de emoções, tanto mais vivida e vivaz quanto mais enriquecida de conotações e variações emotivas. Por outro lado, as emoções são verdadeiras forças que agem sobre o juízo de valores e o comportamento. É verdade que sob o ardor das emoções pode-se cometer erros, mas pode-se também evitá-los, se prestamos atenção às nossas sensações e àquelas dos outros, mas, sobretudo, se as acompanhamos com a reflexão, a serenidade do raciocínio, o conhecimento das coisas e dos problemas, o estudo da realidade social e ambiental, a investigação dos interesses comunitários e das convergências culturais, assim como das diversidades.

Esta é uma abordagem holística do homem com os eventos que o tocam, os fatos do seu tempo e as responsabilidades que lhe competem como membro da associação humana, portanto, investido de específicos papéis aos quais não pode e

não deve se eximir: em relação a si mesmo e aos outros, aos contemporâneos e às futuras gerações, e em relação aos sistemas ambientais admiravelmente complexos, dos quais depende a qualidade de vida dos seres vivos.

Esta é a visão do geógrafo, que antes de tudo é um homem dotado de sensibilidade a tudo aquilo que o circunda, do qual é partícipe como guardião, usuário e construtor dos contextos onde se exercita a própria liberdade e dilata o espírito voltado ao belo, à nobreza dos gestos e sentimentos, ao equilíbrio social e sentimental, à solidariedade entre as pessoas. Tal atitude pode parecer ilusória, aparentemente muito confiante no homem e na natureza, certamente benevolente e respeitosa para com esta entidade, mas pouco audaciosa ou, talvez, muito temerosa de produzir e colher os desafios quando, ao contrário, a própria iniciativa e a ousadia podem conduzir à ampliação dos saberes e das conquistas tecnológicas.

O geógrafo é sempre expressão do seu tempo e tem consciência dos atuais horizontes alcançados pela tecnologia, das profundas lacerações do sistema ambiental, das desgraças da humanidade, bem longe de um compartilhamento da responsabilidade e de um empenho comum para restabelecer equilíbrios, embora sempre frágeis, mas indispensáveis à própria sobrevivência, de uma satisfatória coexistência em um mundo muito diversificado, competitivo e, talvez, inevitavelmente conflituoso (como demonstrou a Conferência de Copenhague, em 2009).

Os lugares que os geógrafos investigam são impregnados de humanidade e de paixões: as casas são sedes de afetos, esperanças e aconchego familiar; as cidades são extraordinárias comunicadoras das histórias sociais e o centro histórico, com seus monumentos e toponomástica viária, continua a nos falar dos personagens ilustres e dos cidadãos anônimos que, com seu trabalho e empenho, construíram autênticas capitais do espírito. Por que os homens se sentem sozinhos e perdidos em um bairro populoso e produtivo, mas não nas velhas cidades, onde as surpresas sempre acompanham as evocações dos espíritos eleitos, dos talentos excelsos e dos visionários ousados que deixaram uma marca indelével nas suas paisagens?

Ali mesmo – sobre as íngremes vielas, os calçamentos desgastados, defronte às igrejas e fontes, na moldura das janelas, no escorço de uma praça ou de um jardim – quando se ativam os sentidos da mente, podem-se perceber as vozes e os sons de épocas distantes, mas ainda vivas e pulsantes nas nossas almas, e, aos

poucos, concatenar uma cultura à outra, o passado ao presente, os trabalhos manuais ao projeto, o encontro às lutas sociais. É um porta-joias palpitante de memórias, carregado de significados e, sobretudo, de emoções que misteriosamente nos envolvem e nos tranquilizam. Penso, em particular, nos inúmeros centros murados de Marche e da Itália central – como Urbino, a cidade ideal do Renascimento italiano e Patrimônio da Humanidade – todos singulares pela peculiaridade dos patrimônios artísticos e urbanísticos.

Doravante, as ações dos homens se estratificam, suas concepções de mundo se materializam. O conjunto urbano torna-se monumento e patrimônio cultural porque estabelece e continua a ter, intensamente, ligações com a realidade social hodierna, e para preservá-lo do desgaste do tempo: é irrenunciável bem da alma não somente nossa, mas do gênero humano, sem espaço e sem tempo.

Como a cidade, assim é o campo, com o delicado desenho das estruturas antigas, a essencialidade funcional das casas coloniais, a opulência das vilas elegantes, a força das abadias, a simplicidade das igrejas, a humildade dos conventos, as estratégicas redes de torres e fortalezas, as finas teias do sistema viário rural, tudo projetado sobre o grandioso cenário dos vales e colinas com seus terraços ao fundo, como em Marche, onde se delineiam os montes azulados do Apenino. Nessas construções e tramas escreveu-se a história social e cultural de homens singulares e das classes trabalhadoras, de arquitetos geniais e mentes sublimes, das intervenções de grandes famílias, dos fluxos de capitais, dos dramas dos humildes e das prevaricações dos poderosos, dos trabalhos manuais engenhosos e das modernas tecnologias, dos quais ainda se elevam suor e prece, lamentos e hinos, choros e exaltações.

Por isso territórios emotivos e geografias emocionais, territórios plenos de humanidade, urgidos pelo ritmo do tempo e do trabalho: humanidade que se alegra e sofre, tem esperança e luta, protegida por um impulso generoso onde nenhum sacrifício parece inútil e nenhum esforço é perdido. Sua marca permanece em tudo, na memória dos homens, no território, na paisagem. Assim, as geografias são tecidas de emoções, tantas geografias pessoais que convergem para a esteira da história social, vivida e construída pelos indivíduos sobre um projeto e sonhos comuns, ao longo de um *trend* que não é mais do singular e das classes de pertencimento, nem de um momento, mas da humanidade e da eternidade.

Os grandes impulsos da civilização se realizaram somente graças às tantas micro-histórias individuais, às inumeráveis microações e, por isso, às microgeografias. Assim, esta nobre e antiga disciplina torna-se uma geografia prodigiosa porque é, também, uma geografia das maravilhas, algumas das quais hoje reconhecidas como patrimônio da humanidade, pela estupenda beleza e pelo valor de raro testemunho da natureza e do espírito (Corna Pellegrini, 2008). Porém, muito mais extenso e variado é o rol de todas as outras maravilhas que constituem a esfera do pensamento, a noosfera, e que podemos colher nos nossos percursos cotidianos, nas nossas viagens, sempre surpresos e emocionados por seus componentes estéticos, pela grandeza e espiritualidade destes fragmentos furta-cores do nosso planeta, artisticamente e, às vezes, misteriosamente moldados, plasmados pelas mãos dos homens e codificados por suas irremediáveis sugestões (Persi, 2009c).

Este modo de fazer geografia aguça os olhos e a mente do geógrafo, transforma a atenção e a disposição de espírito do planejador, muda a atitude ideal do projetista que vê o objeto do seu estudo como uma realidade extremamente viva e versátil, sempre mais imaterial, porém real, dado que vibrantes e mutáveis são os sentimentos que ligam os homens às coisas, os homens aos outros homens, unidades de diversos, e caleidoscópicos imaginários. Portanto, acrescenta à mesa do geógrafo e do territorialista<sup>3</sup>, novos componentes para investigar, sopesar e avaliar, para obter um produto mais elevado e um resultado final mais eficaz.

Este novo espírito de observação aproxima ainda mais o geógrafo aos possíveis usuários do seu trabalho e a quem, mesmo não sendo territorialista, sabe colher e revelar a interioridade dos indivíduos, a alma das coisas, isto é, sabe fazer emergir a essência misteriosa dos lugares.

Refiro-me aos artistas, literatos, poetas, fotógrafos, cineastas, filósofos, viajantes, a todos aqueles que se movem no mundo com os sentidos e os sentimentos bem atentos, sempre prontos para captar as sussurrantes e incisivas vozes do coração. Assim, as memórias, os perfumes, os gostos, as lembranças, as imagens e o imaginário são recuperados; também os pensamentos, sensações,

---

<sup>3</sup> A Escola Territorialista foi fundada na Itália, na década de 1990, por professores e pesquisadores de planejamento urbano e de sociologia. A abordagem territorialista enfatiza como os problemas do desenvolvimento sustentável colocam em primeiro plano a valorização do patrimônio territorial, nos seus componentes ambientais, urbanísticos, culturais e sociais (N.T.).

nostalgias e “atmosferas” acrescentam novas chaves de leitura do território, novos complementos ao aporte geográfico, já consagrado e adequadamente apurado pela tradição.

## 5. Do território emotivo à geografia emocional

*Atlante delle emozioni* (2002) de Giuliana Bruno, a estudiosa ítalo-americana que se move com o espírito filosófico e a expressão do geógrafo, suscitou curiosidade e interesse e, não por acaso, é considerada a sua principal obra, na qual se refere à Geografia emocional. A autora realiza um trabalho interior de revisitação dos lugares e dos literatos (em particular Madeleine de Scudéry, escritora do século XVII) do qual nasce um outro lugar carregado de sugestões, que revela e recupera dimensões e instrumentos para “levantar” (como o próprio cartógrafo de um tempo que “levantava”, isto é, reproduzia as formas de um território sobre o papel ou verificava a exatidão de um terreno, enriquecendo-o com as preciosas toponímias que o “levantamento e restituição aerofotogramétrica” não podiam alcançar) a realidade fugaz, mas decididamente importante para uma avaliação global, não limitada somente ao espaço físico ou aos componentes da mais imediata identificação e percepção.

Para explicar tudo isso, G. Bruno usa uma linguagem geográfica quando fala de “uma paisagem multiforme”, de “um mundo externo” que “exprime uma paisagem interior”, de “emoções” que “assumem a forma de uma topografia móvel”, de modo que “atravessar aquele território significa imergir no fluxo e refluxo de uma psicogeografia pessoal e, todavia, social” (Bruno, 2002, p.3).

Com as mesmas premissas nascem os percursos emotivos, as viagens do espírito, os mapas íntimos, os espaços secretos, os lugares da alma e os parques literários, que fornecem novos modos de conhecimento e refinada fruição do território. Assim, a intuição poética se manifesta, entre os artefatos e morfologias, para explicar e fazer sentir o que de outra maneira evadiria, ignorando momentos preciosos da história dos lugares e sensações extraordinárias que eles podem evocar, fazendo partícipes o corpo, a mente e a sensibilidade do visitante (Persi, Dai Prà, 2001). Corpo, mente e emoções não somente do visitante, mas também do habitante, que cotidianamente contribui e usufrui do espaço vivido no qual está



imerso e com o qual se relaciona. Porém, às vezes, deste se separa, quando se interrompe a transmissão oral ou a passagem dos valores culturais de uma geração à outra.

É uma ideia difundida que isto acontece com o fim ou o enfraquecimento dos vínculos identitários: perdendo ou renunciando suas raízes, os homens desligam-se do território, tornam-se indiferentes às paisagens, encaminham o processo de devastação ambiental, desgastam as bases das culturas locais e desestabilizam os sistemas naturais.

Mas tal cenário pode ser evitado, ou de algum modo impedido, com um processo de informação e formação que somente as agências educativas podem efetuar. E, sobretudo, na idade escolar: quando afetividade e sentimentos desempenham um papel importante nos processos de aprendizagem e de sociabilização; quando é mais eficaz guiar e desenvolver a inteligência emocional (Goleman, 1995; Greenspan, 1997) através da descoberta e redescoberta dos valores locais, dos *habitat* e das comunidades de pertencimento; quando as histórias de vida têm mais significado e fascínio e nos unem aos outros, e nos fazem confluir à grande narração da humanidade. Por outro lado, a nossa história se enraíza por meio das emoções, muito mais que através do nosso corpo e da nossa mente.

Isto explica porque o presente congresso<sup>4</sup> decidiu destinar à escola uma seção específica, na qual, espera-se, sejam evidenciados os papéis e as modalidades de conjugação entre desenvolvimento cognitivo e afetivo através, e em relação, ao ensino-aprendizagem das competências geográficas. A escola coincide com um feliz período dos anos onde os afetos são fundamentais, e o papel dos educadores é determinante para gerar empatia com uma disciplina. Quantos de nós temos colocado naqueles anos as próprias bases do geógrafo! Quantos de nós temos conhecido a experiência de G. Zanetto, ao ver a geografia abordada por meio de selos e atlas geográfico acabando por enamorar-se do mundo, da sua diversidade, da sua incrível estranheza e extraordinariedade (Zanetto, 2009).

Próximo à conclusão, devo reconhecer o peso fundamental que os lugares e as situações vividas têm sobre as emoções, e as emoções sobre os lugares. As pessoas mudam conforme os lugares ou, de algum modo, se sentem diferentes em

---

<sup>4</sup> O autor se refere ao V Congresso Internacional sobre Bens Culturais realizado em Fano (Itália) no ano de 2009, do qual resulta a publicação original deste artigo, em 2010 (N.T.).

determinados lugares, e diversas são as suas ações, reações e formas de relacionamentos.

“Os lugares são como as pessoas: é a emoção que nos faz descobri-los. Se deseja um lugar como se deseja um ser amado... É possível, literalmente, apaixonar-se por um lugar. E porque os lugares recolhem as nossas memórias e os nossos desejos profundos, podemos dizer que se viaja para descobrir a própria geografia interior” e “aspectos muito delicados da própria geografia emocional” (Bruno, [www.libreriadelledonne.it](http://www.libreriadelledonne.it), 18-08-09).

“Os lugares são signos que identificam não apenas a relação entre cultura humana e superfície terrestre, mas também a maneira como o tempo é percebido e representado pelas culturas singulares” e “quando consideramos o lugar como signo, somos investidos de uma onda emocional, relacionamos aquele signo à nossa esfera existencial... não nos interessa indagar o sentido do lugar no curso do tempo, mas o seu valor no *nosso* tempo” (Vallega, 2006, p.vii-viii). Vallega, meu caro e saudoso colega, noto em seus racionalíssimos estudos e comportamentos rigorosos, que se emociona! Isso abre uma multidão de problemas existenciais, inclusive “considerar a relação entre a vida e a morte, o sentido do além” e a liberar “emoções e imaginações” suscitadas “por certo modo de ‘sentir o tempo’ que nós atribuímos ao lugar enquanto signo impresso sobre o território” (Vallega, 2006, p.viii).

Desse modo, Vallega estabelece uma virada na geografia cultural, que descortina novas e provocantes perspectivas de estudo e reflexão, onde o geógrafo, com seus instrumentos e aportes, enfrenta e se mantém suspenso em relação ao conceito do tempo e ao seu valor, filtrando-os através dos olhos e afetos humanos. Sugestiva e extraordinária intuição de Vallega, quase seu testamento espiritual, que agora se arrebatava em direção a horizontes vastos e distantes, de fascínio encantador!

Só me resta, portanto, retornar pragmaticamente ao assunto inicial propondo novamente uma afirmação de Morin (2001, p. 46): “o século XX viveu sob o reinado de uma racionalidade que... atrofiou a compreensão, a reflexão e a visão a longo prazo”. Portanto, somente ao restabelecer o equilíbrio entre intelecto e afeto, um ao lado do outro e não um depois do outro, se supera e enriquece um “conhecimento científico” que, de outro modo, “não pode afrontar sozinho os problemas

epistemológicos, filosóficos e éticos” (Morin, 2001, p.19): aqueles da vida, que a coletividade enfrenta todo dia e os quais o geógrafo se empenha para resolver, com reiterada confiança nas múltiplas potencialidades humanas e nos grandes, mas não ilimitados recursos da natureza. Para tal objetivo utiliza e potencializa o seu método, dialógico e persuasivo, multidimensional, multitemporal, multiescalar, multi-instrumental. Vale dizer, capaz de valorizar razões e sentimentos, de conjugar o conhecimento das partes com o conhecimento da totalidade, de integrar o processo analítico ao sintético, de vencer assim o desafio da crescente complexidade, um dos mais urgentes e grandiosos desafios da época contemporânea. Por outro lado, os geógrafos sabem, pela experiência cotidiana, que os lugares são os nós pulsantes de vida e paixões, de uma magnífica e concreta urdidura através da qual transitam e se entrelaçam as representações cambiantes do mundo: destas registram o desenvolvimento, acompanham suas sofridas ambivalências que, ao se transformarem, se investem do *pathos* potente e envolvente. Deste modo, os inefáveis valores dos objetos pelos quais o geógrafo se interessa com lucidez mental, rigor metodológico e profundas motivações emocionais.

### **Referências Bibliográficas**

- ANDREOTTI, G. **Per um’architettura del paesaggio**. Trento: Artimedia, 2005.
- ANDREOTTI, G. **Riscontri di geografia culturale**. Trento: Valentina Trentini Ed., 2008.
- BIASSUTTI, R. **Il paesaggio terrestre**. Torino: UTET, 1962, p.8.
- BRUNO, G. **Atlante delle emozioni**. Milano: Bruno Mondadori, 2002.
- CORNA PELLEGRINI, G. **Geografia delle meraviglie**. Identità e fruizione dei beni culturali e naturalistici nel mondo. Milano: CUEU, 2008.
- DARWIN, C. **Viaggio di un naturalista intorno al mondo**. Milano: Feltrinelli, 2009.
- DEMATTEIS, G. Zeus, le ossa del bue e la verità degli aranci. In **Ambiente, Società, Territorio**, n.3-4, 2008, p.3-13.
- GOLEMAN, D. **Intelligenza emotiva**. Milano: Rizzoli, 1995.

GREENSPAN, S.I. **L'intelligenza del cuore**. Milano: Mondadori, 1997.

HUMBOLDT, A. **La geografia, i viaggi**. Milano: Franco Angeli, 1975.

JUNG, C.G. **Tipi psicologici**. Torino: Boringhieri, v. 6, 1969-1993.

MORIN, E. **I sette saperi necessari all'educazione del futuro**. Milano: Cortina Ed., 2001.

ORTOLANI, M. **Geografia delle sedi**. Padova: Piccin, 1984.

PERSI, P.; DAÍ PRÀ, E. **L'aiuola che si fa**. Una geografia per i Parchi Letterari. Verucchio: Pazzini, 2001.

PERSI, P. Identità, luoghi e nomi di luogo. In AVERSANO, V. (org.). **Studi del Laboratorio Cartografico Toponomastico**. Salerno: Gutenberg Ed., 2009a, p.119-125.

PERSI, P. **Territori contesi**: campi del sapere, identità locali, istituzioni, progettualità paesaggistica. Pollenza: Grafiche Ciocca, 2009b.

PERSI, P. Geografo e viaggiator cortese. In **Marche In-formazione**, Anno XXIII, 2009c, p.19-22.

RIMÉ, B. **La dimensione sociale delle emozioni**. Bologna: Il Mulino, 2008.

SESTINI, A. **Il paesaggio**. Milano: Touring Club Italiano, 1963.

SLEPOJ, V. **Capire i sentimenti**. Milano: A. Mondadori, 2007.

VALLEGA, A. **La geografia del tempo**. Torino: UTET, 2006, p. VII.

ZANETTO, G. L'identità del geografo. In CENCINI, C.; FEDERZONI, L.; MENEGATTI, B. (orgs.). **Una vita per la geografia**. Scritti in ricordo di Piero Dagradi. Bologna: Patron, 2009, p.481-499.

(Recebido em 17.02.2014; Aceito em: 27.03.2014)